

# **Claudia Lima: o bater de asas de uma borboleta no Brasil e o tornado no Texas**

**Emanuel Dimas de Melo Pimenta**

2014

*Aprendemos que há uma endocrinologia de euforia e do desespero, uma química de percepção mística, e, em relação ao sistema nervoso autônomo, a meteorologia e até...  
uma astro-física das mudanças de humor.*

*Aldous Huxley*

Há diferentes possíveis retratos do tempo, da época de vivemos, do seu espírito, do *zeitgeist*.

Quando assistimos a um noticiário na televisão, quando somos invadidos - por vezes sem percebermos - pelo invasivo olhar Big Brother, ou quando olhamos para as ruas das cidades: tudo é retrato de um tempo.

É, num certo sentido, como olharmos para a cúpula celeste, estrelada, centenas de milhares de luzes ou ainda muito mais - várias das quais não mais existem há milhões de anos.

Sempre olhamos o passado.

Mesmo o retrato do seu tempo já é, em geral, um retrato do passado.

Há, todavia, alguns desses retratos do tempo que, trazendo em si as sementes de outros retratos, projetam-se no futuro. Não num futuro distante, mas num quase *hic et nunc* pré-realizado. Esse misterioso futuro do agora, momento zero, dimensão de qualidade nas relações sígnicas, que antecipa a aura, revela a essência daquilo que somos.

Somos, de fato, o devir, a emergência do ser, e não mais aquilo que fomos.

A arte é isso: crítica da cultura, da nossa construção mental, revelando o que somos.

John Cage costumava dizer, lembrando o palco iluminado de Shakespeare, que tudo é teatro, todo o tempo, e que a arte nos faz perceber

que é isso o que acontece.

Assim, aquilo a que chamamos de obra de arte não é algo para ser pendurado na parede como decoração, não é uma questão de gosto, não é diversão ou entretenimento - é lance de auto-conhecimento, descoberta, maravilhamento de nós próprios.

A solidão do artista é partilhada com quem vive o seu trabalho.

É esse grau de solidão partilhada que nos revela o tempo.

Partilha de um silêncio íntimo, pessoal, e paradoxalmente coletivo.

No mundo em que vivemos, cercados de gregário entretenimento contínuo, de inconsciência fútil e ignorante - pela primeira vez em termos planetários - como se expandíssemos uma invasão bárbara, vinda de todos os lados e de dentro, preenchida pela superficialidade a toda prova, as obras de arte se tornam mais raras.

A crítica da cultura se rarefaz.

Nesse mundo, onde muito da decoração, ilustração ou artesanato passou a ser vulgarmente considerado "arte", onde tudo é dinheiro o tempo todo, e poder, narcótico narciso, subitamente, sem esperarmos, encontramos uma centelha de luz.

O trabalho da Claudia Lima é uma dessas mágicas centelhas.

Mas, não se trata de adjetivação. É, de fato, uma centelha, e a sua luz é aquela à qual faz referência o Iluminismo - lucidez, clareza de ideias.

Na sua crítica à cultura tudo o que é arte implica um mergulho filológico, uma linha condutora histórica, uma raiz - porque apenas se pode criticar o que há, e como dizia Delacroix, aquele que aprende consigo próprio aprende com alguém muito ignorante.

É inevitável perceber que a obra da Claudia Lima é resultado sensual de uma devastadora fúria intuitiva.

Conheço a Claudia há décadas, mas o meu contacto com o seu trabalho é relativamente recente. Assim, conheci a Claudia de outros mundos, de outras dimensões, outros tempos.

A sua obra não é apenas a fúria intuitiva.

Este nosso pequeno planeta possui uma curiosa história que, de alguma maneira se assemelha ao funcionamento dos nossos cérebros. Ela acontece em departamentos que se reforçam na divisão e paradoxalmente nela se desintegram.

É a essência da autopoiese mostrando, por vezes para a perplexidade de nós mesmos, uma mágica telecausalidade.

Por isso, podemos falar de uma arte brasileira. Mas, ao mesmo tempo, dizer isso não faz qualquer sentido.

Quando contemplo as esculturas de Claudia Lima, subitamente me vêm ao espírito dois nomes: Frans Krajcberg e Lygia Clark.

As mágicas esculturas Natureza de Krajcberg parecem estar, na obra de Claudia Lima, envoltas num misterioso manto de neblina. Mas, estão lá, mergulhadas no traço livre das indeterminadas teias de Claudia Lima.

Claudia Lima parece respirar Lygia Clark.

Lygia Clark mudou a arte mundial, ampliando-a - pela primeira vez de forma radical - a todos os sentidos, e operando o corpo da pessoa - não o corpo do artista - como obra de arte.

As pinturas de Claudia Lima são táteis, assim como as suas esculturas.

Mas, a estrutura do seu mundo não obedece a critérios convencionais. Nela o acaso está sempre presente, na ação e na desintegração das suas obras - lenta transformação à qual estamos todos sujeitos.

As suas obras parecem se sujeitar, material e objetivamente, ao desígnio da apoptose.

Naturalmente, Claudia Lima não pertence ao mundo dos negócios, da sociedade, das importâncias sociais. Ela é livre sonho e loucura. E, por isso, transita livremente em todas as esferas das relações humanas.

É uma artista solitária - seguramente mesmo entre outros artistas.

Não importa onde ela esteja a sua obra é fortemente brasileira e, paradoxalmente, universal, anti-nacionalista.

Krajcberg nasceu na Polônia. Lygia Clark pertencia a outro planeta. Ambos são brasileiros, mas são muito mais do que isso.

Em cada trabalho de Claudia Lima encontramos o acaso, a surpresa, o imprevisível. Indeterminação que muda fractalmente a cada olhar, a cada passo, aproximação. A forma é definida pelo nosso olhar, pela nossa posição no espaço. Seus quadros, tantas vezes, para além de táteis, para além de pintura, saltando da tela como se lidássemos com uma micro-estrutura de Frank Stella e, portanto, de natureza diferente, parecem revelar algo da estrutura cósmica fundamental do Universo.

Imagens que nos fazem pensar, quase imediatamente, com diferentes cores e tessituras, a gigantesca simulação digital da estrutura cósmica realizada pelo departamento de astrofísica do Instituto Max Planck em 2005.

Neles não há uma cor definida. A forma é resultado estatístico, imagem de cada um de nós. Cada um vê a si mesmo na sua pintura, a sua estrutura cognitiva.

O que há é nuvem, num complexo quase pontilhismo tridimensional cuja geometria pertence a uma realidade fractal.

E quando voltamos às esculturas, a indefinição fluída da forma-fluxo, tecida em teias táteis, não é humano ou vegetal - é meteorológico.

Talvez não haja arte matemática mais fascinante, precisa e imprevisível, que a meteorologia.

Nuvem misteriosa de pontos em permanente mudança, forma sem forma, movimento revelador do que somos e do *zeitgeist*, que nos parece conduzir diretamente a Virginia Woolf quando, em *The Waves*, dizia: "Havia uma estrela correndo pelas nuvens numa noite, e eu lhe disse: 'Consuma-me'!"